

MEMÓRIA DO BAIRRO TRINDADE EM FLORIANÓPOLIS

André Fabiano Voigt

Professor Adjunto do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: voigtandre@hotmail.com

Resumo: O artigo apresenta a história do bairro Trindade na cidade de Florianópolis. Pesquisa descritiva documental de caráter histórico.

Palavras-chaves: Florianópolis – Trindade. Florianópolis – História.



1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO BAIRRO TRINDADE EM FLORIANÓPOLIS

O bairro da Trindade, atualmente um dos mais populosos da Ilha de Santa Catarina,¹ tem sido considerado relevante no município apenas como localização da sede da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), instalada desde a década de 1960. No entanto, sua constituição histórica é bem mais antiga. Como não há muitos estudos sistematizados acerca da formação do bairro da Trindade, resolvi fazer, como diletante, a junção de algumas informações, a partir da leitura de um número restrito de fontes bibliográficas e documentos de arquivo. Estas notas – as quais não tenho a pretensão de chamar de uma “história do

1 A Trindade é o segundo bairro mais populoso da Ilha, conforme Censo do IBGE do ano de 2000, com 14.206 habitantes. PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Cidade > Perfil de Florianópolis > Aspectos Ambientais > Demografia.** Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/index.php?link=perfil&sublink=demografia>>. Acesso em: 17 jul. 2007.

bairro” – podem auxiliar em ações políticas futuras para a organização do espaço urbano desta região da Ilha.

A formação do bairro da Trindade está relacionada à distribuição das primeiras levas de imigrantes açorianos e madeirenses pela Ilha de Santa Catarina, realizada em meados do século XVIII. Em documento escrito em 24 de fevereiro de 1748, o Brigadeiro José da Silva Paes, então Governador da Ilha de Santa Catarina, relata ao Rei D. João V de Portugal que as 161 pessoas oriundas da Ilha Terceira e adjacentes, chegadas no porto da Ilha aos 6 de janeiro daquele ano, foram acomodadas em casas de moradores da Vila Capital, enquanto não vão para o seu destino. Mais adiante, ressalta que mandou “abrir o caminho desta Vila para uma grande Lagoa que há no Centro desta Ilha”, de modo a acomodar os casais açorianos e madeirenses naquela região da Ilha.² O caminho que ia da Vila Capital até a Lagoa atravessava o Morro da Cruz e passava pelos atuais bairros da Trindade e Córrego Grande.

Walter Piazza, em seu livro *A Epopéia Açórico-Madeirense*, confirma o destino da acomodação dos açorianos recém-chegados à Ilha:

Entretanto, primeiramente deve-se dizer que o Brigadeiro José da Silva Paes, com os 'casais' chegados na primeira leva, nos primeiros dias de 1748, vai assentando-os na própria Vila de N. Sra. do Desterro, principalmente ao longo da rua que se passou a denominar 'dos ilhéus'.

Outros 'casais', como os de Antônio Machado Borba, João Pacheco, Manuel Mendes e Pedro de Souza, foram

2 ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO (AHU). Carta do Governador da Ilha de Santa Catarina, Brigadeiro José da Silva Paes, ao rei [D. João V], comunicando que distribuiu algumas léguas de terras e mandou fornecer mantimentos para o sustento dos casais açorianos e madeirenses que chegaram àquela ilha. Sugere...Ilha de Santa Catarina, 24 fev. 1748. Cx. 1, doc. 47. In: SERPA, Êlio; FLORES, Maria Bernardete R.(orgs.) **Documentos avulsos manuscritos referentes à Capitania de Santa Catarina (1717-1827)**. Florianópolis/ Lisboa: UFSC/AHU, 2000. Doc. 43. 1 CD-ROM.

colocados 'atrás do Morro', que ficou sob a invocação da Santíssima Trindade.³

Deste modo, pode-se perceber que a localidade de “atrás do Morro”, conhecida atualmente como o bairro da Trindade, tem relação direta com a travessia do Morro da Cruz, a partir da antiga Vila Capital de Nossa Senhora do Desterro, no caminho em direção à Lagoa da Conceição. O Morro da Cruz, chamado primeiramente de Morro do Antão – e posteriormente de Morro dos Sinais e Morro do Pau da Bandeira – recebeu sua denominação mais antiga através da propriedade do açoriano Antão Lourenço Rebolo, que se localizava na encosta do referido morro, na parte Leste da então Vila Capital.⁴

Paulo José Miguel de Brito, em sua *Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina*, escrita no ano de 1816, afirma que subiu o Morro do Antão em rápida passagem de seu texto:

Esta [a Vila de Nossa Senhora do Desterro] é dominada pela parte de leste do morro do Antão, que pelo sul se une ao do Menino Deus: do alto de cada um deles, e ainda do de outros morros se goza uma variedade de golpes de vista sublimes e encantadores [...]⁵

No primeiro livro de batismos da freguesia de Nossa Senhora do Desterro, de 1751 a 1753, é possível confirmar que a localidade “detrás do Morro” já era povoada por açorianos, chegados nas primeiras levadas à Ilha de Santa Catarina. No registro de Maria, filha de Antônio da Silva – natural da Ilha do Pico,

3PIAZZA, Walter F. **A Epopéia Açórico-Madeirense (1748-1756)**. Florianópolis: EDUFSC/Lunardelli, 1992. p. 371.

4 Não há uma fonte primária na qual possa ser confirmada esta informação, mas ela já é citada a partir do seguinte estudo: CABRAL, Oswaldo R. **Os açorianos**. Florianópolis: [s.n.], 1951. p. 30.

5 BRITO, Paulo José Miguel de. **Memória Histórica sobre a Capitania de Santa Catarina...** Lisboa: Academia Real das Ciências, 1829. p. 39.

Açores – e de sua mulher Catarina Antônia – da Ilha Terceira – constam como moradores “*no caminho de El-Rei detrás do Morro, desta Vila de Nossa Senhora do Desterro, Ilha de Santa Catarina.*”⁶ Da mesma maneira, constam os assentos de batismo de Anna, filha de Antônio Ferreira – natural da Ilha do Pico – e de sua mulher Maria Ignacia – da Ilha da Praia – como moradores “*detrás do Morro desta Ilha de Santa Catarina*”,⁷ e de Clara, filha de João Henrique da Silva e Flora Joaquina, cujos padrinhos – Antônio Leal da Rosa e Maria de Jesus – aparecem como “*moradores detrás do Morro dessa mesma Vila*”.⁸

Apesar da existência do caminho até a Lagoa e de ter havido a distribuição de açorianos e madeirenses por esta região da Ilha, a localidade de Trás do Morro só foi desmembrada da Paróquia da Capital em 1853, a partir da Lei Provincial nº 352, de 23 de março daquele ano, denominando-a freguesia da Santíssima Trindade:

Artigo 1º A povoação estabelecida no lugar denominado – Traz do Morro – fica desmembrada da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, para formar uma freguesia, sob a denominação da freguesia da Santíssima Trindade.

Artigo 2º Os limites desta nova freguesia são ao Oeste, o riacho de José dos Santos, o morro dos sinais e a ponte do Lobo; e a Leste os mesmos que separavam a paróquia de Nossa senhora do Desterro das de Nossa Senhora das Necessidades, e de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa.

Artigo 3º A capela da Santíssima Trindade servirá de matriz à nova freguesia, e o seu pároco perceberá a cômputo e benesses que se acham estabelecidas por lei.

Artigo 4º O Presidente da Província procurará obter do Ex.mo Prelado Diocesano a confirmação destas

6 ARQUIVO HISTÓRICO ECLESIAÍSTICO DE SANTA CATARINA (AHESC). **Livro de Batismos da Catedral (Nossa Senhora do Desterro), 1751-1753**, fls. 44, grifos meus.

7 Ibid., fls. 73 v, grifos meus.

8 Ibid., grifos meus.

disposições na parte eclesiástica, criando porém desde já um distrito de paz na nova paróquia.

Artigo 5º Ficam derogadas as disposições em contrário.⁹

Em 1855, a freguesia da Santíssima Trindade já contava com 1811 habitantes, sendo 1556 livres brasileiros, 3 estrangeiros e 252 escravos, representando a segunda menor freguesia do município da Capital em número de habitantes.¹⁰

No ano seguinte, 1856, o então vigário da Freguesia, Pe. Francisco Luiz do Livramento, realiza o Registro de Terras da Paróquia – em cumprimento à Lei Imperial nº 601, de 1850, conhecida como a Lei de Terras – descrevendo com riqueza de detalhes as localizações dos terrenos e suas confrontações, bem como cita os nomes dos proprietários destas terras. Este documento pode ser considerado um dos relatos mais detalhados acerca dos primeiros anos da paróquia da Santíssima Trindade, que abrangia as localidades de Trás do Morro, Saco dos Limões, Costeira do Pregibaé, Pantanal, Córrego Grande, Itacorubi e Saco do Itacorubi, atuais bairros da Trindade, Saco dos Limões, Costeira do Pirajubaé, Pantanal, Córrego Grande, Santa Mônica, Itacorubi, Monte Verde, João Paulo e Saco Grande. Nota-se que a Trindade oferecia atendimento eclesiástico para todo o atual

9 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Lei Provincial nº 352, de 23 de março de 1853. **Coleções de Leis Provinciais da Província de Santa Catarina, de 1841 a 1853.** p. 336. 1 códice impresso encadernado.

10 SANTA CATARINA. Mapa aproximado da população da Província de Santa Catarina. In: RELATÓRIO do Presidente da Província de Santa Catarina, João José Coutinho, de 1º de março de 1855. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/942/000037.gif>> Acesso em: 11 jun. 2007.

Distrito Sede do município de Florianópolis, na parte situada ao Leste do Morro da Cruz.¹¹

A travessia pelo Morro da Cruz, antigo caminho para a Lagoa, ainda era parte importante na constituição da região da Trindade. Há, no Registro do Vigário de 1856, o registro de alguns proprietários de terra no chamado “caminho para o Morro”: *Francisco Barros* possuía terras “no Morro do Antão”, de “frente na estrada”; *Constantino Dunellas*, “terras que fazem frente no Caminho do Morro”; *José Roiz de Aguiar*, dois terrenos de “frente na estrada do morro”; *João José de Souza*, um terreno de “fundos nas vertentes do Morro do Pau do Sinal”; *Manoel Vieira Pacheco*, terras “as frentes no caminho que vai para a Cidade”.¹² Todas estas referências ao caminho que passa pelo Morro da Cruz, em meados do século XIX, evidenciam que este modo de chegar à Vila Capital ainda era muito usado.

Virgílio Várzea, em seu livro *Santa Catarina – a Ilha*, publicado pela primeira vez em 1900, descreve detalhadamente o “caminho do morro”, afirmando ser esta “a passagem mais curta entre a capital e a freguesia da Trindade”¹³:

Ascende-se ao pequeno terrapleno do posto pela Rua da Tronqueira [atual General Bittencourt], que sai da do Coronel Fernando Machado (antiga do Vigário) na direção de leste até encontrar a falda do morro, onde começa o caminho empinado, que coleia espalda acima galgando o cume e atravessando, em ziguezague

11 FLORIANÓPOLIS. **Lei nº 5504, de 21 de julho de 1999**. Dispõe sobre a criação dos bairros no distrito sede do município de Florianópolis e dá outras providências. Disponível em: <http://www.cmf.sc.gov.br/1999/LPMF/LEI5504_99.rtf> Acesso em: 13 jun. 2007.

12 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Registro do Vigário da Paróquia da Santíssima Trindade, 1856**. Livros nº 29/30. Registros nº 33, 61,87,159 e 325. 2 códices manuscritos.

13 VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina – A Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. 59-60.

descendente, até sair num dos extremos da estrada da Carvoeira, próximo à freguesia da Trindade.¹⁴

Apesar de ser difícil descrever com exatidão qual o traçado deste antigo caminho nos dias atuais, pode-se inferir que ele se iniciava pela Rua General Bittencourt, no Centro da cidade, subindo o Morro da Cruz pela localidade do Mont Serrat (Rua General Vieira da Rosa e adjacências), alcançando o alto do morro pela atual localidade da Caieira do Saco dos Limões (Rua Ayrton Senna e adjacências) e descendo pela localidade da Serrinha (Ruas Marcus Aurélio Homem, Rodolfo Manoel Bento e adjacências), até o fim da Rua Capitão Romualdo de Barros, antiga estrada da Carvoeira.

Como as propriedades de terra, descritas no Registro do Vigário da Trindade de 1856, ficavam no caminho do Morro na parte Leste – por terem sido registrados na Paróquia da Santíssima Trindade – pode-se dizer que, desde meados do século XIX, havia moradores na atual localidade da Serrinha, uma vez que este lugar pode ser identificado como parte do “caminho do Morro” que levava à sede do bairro Trindade. Esta constatação contradiz a afirmativa de que a localidade da Serrinha só teria sido ocupada a partir da década de 1960, com a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).¹⁵ Não se pode confundir o processo de uma ocupação mais ostensiva da região com seu início, como se nada existisse anteriormente. Do mesmo modo, a atual identificação da Serrinha com as populações de baixa renda faz com que este local seja destituído de qualquer

14 Ibid., p. 59.

15 Cf. PHILIPPI, Luiz Sérgio; CARDOSO, Cauam Ferreira; AZEVEDO, Bruno Duarte. Ações Ambientais na Comunidade da Serrinha e a Cidadania. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., Belo Horizonte, 12-15 set. 2004. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrent/Meio/Meio40.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2007.

ligação histórica com o bairro da Trindade e com os antigos caminhos da Ilha do século XVIII, visto que não oferece atrativos turísticos diretos à população.

Ao falar de atrativos para a população, desde 1857 há a Festa da Santíssima Trindade, cujo primeiro relato por escrito consta no jornal *O Argos*, em 23 de julho daquele ano:

Existe nesta nossa boa Ilha um pitoresco vale que forma o arraial ameno da Santíssima Trindade, hoje elevado às honras de Freguesia, apesar de para isso não ter gente nem jeito, ou modos e maneiras, como dizia um velho mestre de nossa terra. Aqui há um Templo, que por ora se reduz a quatro paredes, sem altares, nem imagens; entretanto chama-se Igreja Paroquial. Uma romaria anual convida a este lugarejo toda a população da Capital. É na Dominga da Trindade que tem lugar esta festança, com Imperador do Divino, leilões, muito cavalo pastando na adro da Igreja etc. Os pios fiéis por devoção ou por ostentação arrematam as ofertas por preços fabulosos em relação ao seu valor real! Rola dinheiro aí que não é brincadeira! Porém em todos os anos há a mais severa economia pelo que pertence a adornos do altar, e atos religiosos, limitando-se (o que é vergonha de dizer) toda a Festa religiosa a uma Missa rezada. Por maior que seja a renda dos leilões, não há uma colcha de seda para formar o espaldar do Imperador; servem-se de um caliz que pertence a outra Igreja, não se convida ao menos ao próprio Vigário, que cante uma Misa, recite um sermão etc. É muita ingratidão! E que fumaça leva tantos cobrinhos arrecadados naquele dia da matutina festança, e outras esmolinhas que caem nas devoções noturnas dos sábados? Não nos prevalecemos da ocasião para censurar as simplicidades, que por aí se dão, como v.g. deixar o Imperador o trono, e ir de manto ao adro fumar o seu papa-terra de palha, etc. Limitar-nos-emos a pedir ao Il.mo Sr. Dr. Juiz de Direito e Corregedor da Comarca, que de acordo com o Reverendo Pároco do lugar faça erigir quanto antes uma Irmandade, e chame a contar essa gente devota, a fim de obrigá-los a comprar as alfaias de que necessite aquela Igreja, para sua decência, e deixar de

fiar-se nos cofres provinciais, que não podem concorrer para tanto.¹⁶

Apesar do tom crítico do autor do artigo, pode-se ter alguns detalhes pitorescos da primeira festividade registrada por escrito da Santíssima Trindade, quando a freguesia não passava de uma humilde vila.

2 FESTA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Outro relato muito detalhado da Festa da Santíssima Trindade, em fins do século XIX, está no livro de Virgílio Várzea, cuja narrativa será citada aqui em alguns fragmentos de seu texto:

A romaria da Trindade, festa que não esmorece nunca no espírito dos habitantes do Desterro, lembra em seu aspecto de conjunto a romaria da Penha na Capital Federal. Todos os anos, quinze dias antes da festividade, já a capital catarinense começa de se movimentar, e as lojas de fazendas e os armarinhos, como os armazéns de molhados, recebem então uma afluência de fregueses matutos que vêm de toda a parte em redor e que, de par com o povo da cidade, dão uma animação viva e fora do comum às ruas e praças comerciais.[...]

A festa que se realiza na freguesia de Trás do Morro, a uma légua da capital, no dia da Santíssima Trindade, começa, pode-se dizer, na véspera à tarde, em que os pretos e pretas, moços ou velhos, com grandes tabuleiros rasos ou altas caixas de vidros, atopetados de frutas e doces, despegam a um e um de vários pontos da cidade e, reunindo-se em bandos como formigas carregadoras, juncam os caminhos na direção daquela freguesia, pelo Pau da Bandeira, pelo Saco dos Limões e pela Pedra

16 BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **O Argos**, 23 jul. 1857. nº 163. Esta notícia está também transcrita no livro: CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro**. Volume 2 – Memória. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 275. Cabral afirma, por engano, que este artigo estava na edição do dia 21 de julho de 1857.

Grande. Estes primeiros grupos são seguidos por outros, compostos na maior parte de indivíduos negociantes nas antigas casinhas de pasto do Mercado Velho, que vão armar suas barracas de comida no largo da Trindade, bem em frente à igreja. E até a meia-noite rodam carroças e passam cargueiros, abarrotados de gêneros e bebidas que uma multidão de muitas mil almas vai devorar, no outro dia, numa alegria aldeã, a sorrir e a falar expansivamente, à sombra do pano branco das tendas, ou em pleno sol resplandecente, em meio à praça apinhada.[...]

O largo da freguesia, onde muitos das Três Pontes, de Itacorubi do Pantanal, do Saco dos Limões e do Córrego Grande passaram a noite em roda de fogueiras de toros, que ficam a iluminar a igreja e o cruzeiro com as suas chamas de ouro depois do “terço” da véspera; o largo da freguesia, ao alvorecer, aparece completamente mudado, na sua ornamentação campestre e florida, onde sobressai uma larga avenida de içaras delgadas e de belos penachos verdes, unidas umas às outras por longas cordas de folhas de crótons – a grande cruz negra do adro, abrindo piedosamente para o céu da manhã festiva os seus braços cheios de flores; [...]

E dessa hora em diante a afluência se manifesta aí em jorros seguidos de gente a cavalo, em carros ou nas carroças toldadas de chita, que vão se acumulando aos extremos da praça, debaixo da ramagem das laranjeiras ou dos cafezais em volta, mesmo à embocadura da principal estrada que vai ter à cidade, sítio onde o largo se desafoga deitando caminhos para vários lugares, tanto como para o extremo contrário, onde se bifurcam as trilhas do Pau da Bandeira, da Carvoeira e do Pantanal.[...]

A cerimônia, na igreja, consta de uma missa cantada pelo vigário da freguesia, com a assistência do Imperador e seu séquito, que presenciam o ato junto ao altar-mor, sentados em altas cadeiras de estofado carmesim, acompanhados por uma parte da multidão – em geral habitantes do lugar – que atope a igreja desde o amanhecer, para poder assistir ao ofício sagrado. [...]

O povo da cidade, quase indiferente a isso, delicia-se a gozar a paisagem e o tumulto do largo apinhado, onde há um colorido tão variado de vestes que faz lembrar vagamente uma festa ou uma feira em Marrocos, dessas de que nos fala De Amicis.¹⁷

Em meados da década de 2000, a Festa da Santíssima Trindade – também conhecida como Festa da Laranja – ainda obtém participação de pessoas de vários lugares de Florianópolis, mas enfrenta sérios problemas de segurança e, por isso, muitas pessoas deixam de frequentar esta festa, que era um grande evento na Ilha de Santa Catarina.

3 ESPECULAÇÃO IMOBILIARIA E CRESCIMENTO DESORDENADO

Outra questão que pode ser destacada a respeito da relevância da região da Trindade é que, durante o século XX, a Paróquia da Trindade chegou, por algumas vezes, a realizar o atendimento eclesialístico de todo o interior da Ilha de Santa Catarina, como o foi em 1922, quando anexou as paróquias de Nossa Senhora da Lapa (Ribeirão da Ilha), Nossa Senhora das Necessidades (Santo Antônio de Lisboa), Nossa Senhora da Conceição (Lagoa da Conceição), São João Batista (Rio Vermelho) e São Francisco de Paula (Canasvieiras).¹⁸

Somente após algumas décadas, nos anos de 1960, há a instalação da UFSC no bairro Trindade, iniciando um processo intenso de urbanização neste local, o qual se estende até os dias atuais.

17 VÁRZEA, op. cit., p. 63-68.

18 FLORIANÓPOLIS – TRINDADE. Histórico. Disponível em: <<http://www.arquifloripa.org.br/tr.htm>> Acesso em: 11 jun. 2007.

Em 2007, mesmo sendo um dos bairros mais importantes da cidade de Florianópolis, a especulação imobiliária acaba por trazer problemas de infraestrutura ao bairro, que precisa passar por uma revisão de suas diretrizes para os próximos anos, sobretudo no que tange ao planejamento urbano de sua região.

A articulação de diversos setores da sociedade – como as associações de moradores das localidades pertencentes ao bairro – faz-se necessária, para que se possam pensar novos rumos para o bairro e para a cidade. A reabilitação da Festa da Santíssima Trindade e da Laranja precisa ser colocada na pauta de debate para os próximos anos, de modo a garantir a continuidade da festa e aumentar o fluxo de visitantes, que tem diminuído nos últimos anos devido à violência e ao clima de insegurança que se tem estabelecido na população.

Do mesmo modo, tornar-se-á útil operacionalizar projetos de urbanização da região da Serrinha. Considerada pelos órgãos governamentais ou não-governamentais como localidade de baixa renda ou favela, a qual deve ser atingida somente por políticas públicas inclusivas, reforça-se a idéia que a Serrinha é uma localidade composta por excluídos sociais, que dependeriam unicamente da tutela de outrem para ocupar novamente um lugar na história da cidade de Florianópolis. Esta não necessita ser a única linha de ação para o melhoramento daquele local. Por exemplo, o antigo “caminho do Morro”, ao longo de toda a extensão do Morro da Cruz, poderia sofrer a intervenção de ações urbanizadoras, podendo quiçá tornar-se um ponto turístico para os que visitam a cidade, assim como o mirante do mesmo morro, igualmente abandonado pelos órgãos governamentais municipais. Estes são só dois exemplos do que poderia ser pensado para todo o Maciço do Morro da Cruz, cujas comunidades têm sido alvo apenas de projetos sociais inclusivos, mas nenhuma ação política consistente atrelada ao planejamento urbano da Capital.

Por último, é importante afirmar que a Trindade, uma das mais antigas localidades da Ilha de Santa Catarina, merece a

atenção e o empenho de todo um grupo social – sobretudo dos moradores – para que possa continuar a ser uma importante região do município da Capital.

MEMORY OF TRINITY DISTRICT AT FLORIANÓPOLIS CITY

Abstract: The article presents the history of Trinidad district in the city of Florianopolis. A descriptive research and documentary historical character.

Keywords: Florianópolis - Trinity. Florianópolis - History.

Originais recebidos em: 29/11/2007

Aceito para publicação em: 15/09/2011

Publicado em: 28/12/2011